



## UM... DOIS... TRÊS PORQUINHOS: A FIGURA DO PORCO COMO SINÔNIMO DE OPRESSÃO EM “AMNESIA: A MACHINE FOR PIGS”, DE THE CHINESE ROOM, E EM “PORCO DE RAÇA”, DE BRUNO RIBEIRO

Bella Beatriz Martins Gomes de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao tratar sobre as representações em uma determinada narrativa, muitas vezes, estamos analisando as possibilidades de criação de um universo narratológico apresentado por uma obra, seja ela literária, cinematográfica, seja artística ou mesmo outra. Esses mundos, especialmente na literatura contemporânea, ressaltam situações cotidianas a partir de uma ilusão que depende das concepções do leitor para que possam ser interpretadas, mas sem, necessariamente, serem fiéis à realidade em que vivemos. Em *Amnesia: A Machine For Pigs*, de *The Chinese Room*, e *Porco de Raça*, de Bruno Ribeiro, percebemos que as situações de violência representadas nas duas narrativas se baseiam em um elemento em comum: o porco. De tal modo, assim como um porco, os sujeitos ditos marginais servem apenas para o entretenimento, como um animal de rinha, ou para executar funções como um escravo servil e dócil. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o símbolo do porco nessas narrativas, com o intuito de demonstrar como esse elemento está associado à representação da opressão e da violência de personagens marginalizadas.

**Palavras-Chave:** Porco. Representação. Opressão. *Amnesia. A Machine for Pigs. Porco de raça.*

**ONE... TWO... THREE LITTLE PIGS: THE FIGURE OF THE PIG AS A SYNONYM FOR OPPRESSION IN “AMNESIA: A MACHINE FOR PIGS”, BY THE CHINESE ROOM, AND IN “PORCO DE RAÇA”, BY BRUNO RIBEIRO**

**Abstract:** When dealing with representations in a given narrative, we are often analyzing the possibilities of creating a narratological universe presented by a work, be it literary, cinematographic, artistic or even other. These worlds, especially in contemporary literature, highlight everyday situations based on an illusion that depends on the reader's conceptions so that they can be interpreted, but without necessarily being faithful to the reality in which we live. In *Amnesia: A Machine For Pigs*, by *The Chinese Room*, and *Porco de Raça*, by Bruno Ribeiro, we realize that the situations of violence represented in both narratives are based on a common element: the pig. In such a way, just like a swine, the so-called marginal subjects serve only for entertainment, like a fighting animal, or to perform functions like a servile and docile slave. Given this, this study aimed to analyze the swine as symbol in these narratives, with the aim of demonstrating

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2602086825931817> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3851-8369>

*how this element is associated with the representation of oppression and violence of marginalized characters.*

**Keywords:** Pig. Representation. Oppression. *Amnesia: A Machine for Pigs*. *Porco de Raça*.

## Introdução

Ao tratar sobre as representações em uma determinada narrativa, muitas vezes, estamos analisando as possibilidades de criação de um universo narratológico apresentado por uma obra, seja ela literária, cinematográfica, seja artística ou mesmo outra. Esses mundos, especialmente na literatura contemporânea, ressaltam situações cotidianas a partir de uma ilusão que depende das concepções do leitor para que possam ser interpretadas, mas sem, necessariamente, serem fiéis à realidade em que vivemos. Em *Amnesia: A Machine For Pigs*, de *The Chinese Room* (2013), e *Porco de Raça*, de Bruno Ribeiro (2021), percebemos que as situações de violência representadas nas duas narrativas se baseiam em um elemento em comum: o porco.

Esse animal, apesar de ser um símbolo diversamente utilizado em obras literárias, cinematográficas e artísticas e, conseqüentemente, apresentar, em cada uma delas, um significado diferente, nas narrativas que nos propomos a estudar, se torna um sinônimo do ser oprimido, sujo e impuro, que não se encaixa na sociedade. Por esse motivo, deve ser removido das ruas, a fim de que elas estejam limpas para que as “pessoas de bem” possam transitar com tranquilidade, sem ter que observar a sujeira do mundo. Assim como um porco, os sujeitos ditos marginais servem apenas para o entretenimento, como um animal de rinha, ou para executar funções como um escravo servil e dócil.

De tal modo, a partir do contexto de um projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, na categoria de Mestrado, este estudo pretende analisar o símbolo do porco em *Amnesia: A Machine for Pigs* e em *Porco de Raça*, com o intuito de demonstrar, brevemente, como esse elemento, em ambas as narrativas, está associado à representação da opressão e da violência de personagens marginalizadas. Para a análise da representação do símbolo do porco em ambas as narrativas, será utilizada, como fundamentação metodológica, a pesquisa bibliográfica em bancos de dados acadêmicos online, tais como, Scholar Google, SciELO e Elsevier.

## A representação da violência nas narrativas contemporâneas

Com a crescente discussão sobre a opressão e a violência, percebe-se que, na literatura contemporânea e em outras formas narratológicas, essas questões tornaram-se cada vez mais uma temática de interesse, não só de estudiosos, mas principalmente de autores que, em suas histórias, querem demonstrar a realidade brutal do mundo. Essa realidade, apesar de muitas vezes permanecer no campo imaginário, dá voz a diversas falhas da sociedade, desde seu início até os dias atuais.

De acordo com Dalcastagnè (2019, p. 8),

É claro que os tempos mudaram, que algumas lutas por direitos civis desembocaram também na literatura, fazendo com que mulheres, negros, homossexuais, índios começassem, timidamente, a escrever [e, conseqüentemente, a mostrar a realidade, muitas vezes violenta, em que viviam por meio de suas histórias]. Mas ainda não foram incorporados de fato. Séculos de literatura em que as mulheres permaneciam nas margens nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existia, duas categorias, a “literatura”, sem adjetivos, e a “literatura feminina”, presa a seu gueto. Da mesma forma, aliás, que por vezes parece que apenas os negros têm cor ou somente os gays carregam as marcas de sua orientação sexual. Romper com essa estrutura de pensamento é muito mais difícil quando não se percebe, ou não se assume, que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais.

Negar isto é insistir na perpetuação de uma forma de violência, que elimina da literatura tudo o que traz as marcas da diferença social e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras.

De tal modo, não é de estranhar que num contexto como o atual, em que os níveis de especialização do campo acadêmico transitam de mãos dadas com a sua burocratização, a figura de Erich Auerbach apareça representada com uma aura de transcendência. Perante o panorama que se caracteriza como um “processo de academização da intelectualidade” Auerbach parece ter tudo: o heroísmo de um humanismo sustentado em condições históricas prementes, a capacidade, a imaginação e a vontade realizar um trabalho de longo prazo, e o trabalho com textos livres das pressões burocráticas das atuais instituições acadêmicas (Pellegrini, 2012).

Poderíamos qualificar essa perspectiva como uma abordagem “nostálgica” da obra de Auerbach. No entanto, convém considerar uma utilização dessa base teórica que consiste no seu valor enciclopédico, na medida em que Mimesis pode ser lida como

uma História da Grande Literatura do Ocidente, que pode ser consultada de forma fragmentada.

Dessa forma, quando nos deparamos com a literatura contemporânea, nota-se que cada vez mais a violência se torna presente, a iniciar de um apelo aos universos distópicos que estão mais próximos do real e não apenas do imaginário, intensificando a representação da fragmentação psíquica de muitos personagens nas obras literárias contemporâneas a partir da violência e da opressão experienciadas em seus universos.

Destaca-se, com isso, uma série de elementos que poderíamos considerar típicos da estilística e da retórica: tropos e topoi, estruturação de frases, ritmo narrativo. Uma primeira caracterização desta série de ferramentas formais (nunca definidas como tal, pelo menos na Mimesis) deriva da sua relativa “simplicidade”: parecem depender apenas do conhecimento da retórica e de algumas noções gerais sobre comentário de textos. Não é de surpreender que, ao descrever a forma auerbachiana de abordar estes procedimentos, falemos de “intuição” para perceber as diferenças e, em particular, para perceber a total ausência de “jargão” no estilo descritivo auerbachiano (Auerbach, 2021).

Por outro lado, também é importante recordar o questionamento de Barthes (1964) sobre a representação na literatura, que visava desmantelar os traços ideológicos do “crítico credível” das gerações anteriores, visto que, segundo a sua caracterização, muitos críticos limitaram-se a uma literalidade banal na leitura dos textos, negando qualquer nível de “simbolismo” que pode ser revelado na leitura, reduzindo a narrativa a uma linguagem de um único nível “transparente” e unitário.

Além disso, para Barthes, considerações típicas do decoro burguês sobre “gosto” e “clareza” anulavam qualquer interpretação disposta a mergulhar nas profundezas semânticas e simbólicas influenciadas pela psicanálise ou pela linguística moderna, cuja linguagem técnica eles desprezavam. Por fim, entende-se que essa caracterização, a priori em relação à questão do “ser” da literatura, corrobora essa “velha crítica”, que apenas parece sustentar a ilusão do seu objeto numa tautologia de que a literatura é o literário e vice-versa (Pinto, 2019).

### **Ser porco ou não ser? Simbolismo em amnesia e porco de raça**

Apesar do aspecto tautológico de que a literatura é apenas aquilo que é literário, é possível questionar uma leitura rasa ou superficial de qualquer narrativa. Convém

considerar que cada obra, embora possa ser vista como uma unidade narrativa independente de seu autor após sua publicação, ainda carrega consigo muitos aspectos históricos, políticos, sociais e filosóficos que o autor, durante a produção de tal objeto narrativo, além de suas inspirações e das relações de sua obra com outras obras e outros autores. Tal questão abre espaço para que toda e qualquer narrativa, seja ela distribuída por meio físico ou digital, tenha uma infinidade de símbolos que podem e devem ser interpretados por seus leitores, a partir dos mais diversos olhares, além de serem discutidas nos ambientes acadêmicos e não acadêmicos (Souza, 2018).

Discutir os muitos símbolos atribuídos à imagem do porco na literatura não é um trabalho simples ou que possa se elaborar detalhadamente neste ensaio. Portanto, devido a brevidade e ao fato de este ser um estudo em andamento, optamos por tratar, neste tópico, uma análise inicial, baseada na visão ocidental que se fundamenta no porco como um símbolo de impureza, citada pela visão bíblico-judaica.

Para ilustrar isso mais claramente, é necessário recordar o uso que Barthes faz do mito freudiano da horda primitiva para interpretar as obras de Racine, em que o autor declara que a história, mesmo que não passe de uma ficção, é todo o teatro de Racine e depois fala de uma “pátina arcaica” presente em todos os seus textos. Neste caso, o uso do simbólico por Barthes tem uma nuance arquetípica e é, portanto, deliberadamente a-histórico, uma vez que não importa a mínima se a história da horda é ficcional ou não (Gindri, 2020).

Essa forma de análise pode estar ligada à doutrina “espiritual” que, para Auerbach (2021), se opõe à interpretação figural na antiguidade tardia e na Idade Média: alguns autores tendem a orientar o conteúdo da nova doutrina - especialmente no que diz respeito ao Antigo Testamento - em direção ao puramente espiritual, tentando de certa forma fazer desaparecer o seu caráter histórico, enquanto outros desejam preservar justamente esse caráter cheio de uma historicidade repleta de significados profundos.

Barthes, por outro lado, argumenta que a liberdade simbólica foi reconhecida, e de alguma forma codificada, na Idade Média, como visto na teoria dos quatro sentidos (literal, alegórico, moral e anagógico, sendo evidente que ainda permanece uma jornada orientada dos sentidos em direção ao sentido anagógico).

E é precisamente essa forma de interpretação medieval que Auerbach opõe àquela que lhe interessa tanto como historiador cultural como como crítico, isso é, a interpretação figural, uma vez que, no Ocidente, a corrente histórico-figural prevaleceu

como a vencedor, embora seja verdade que o outro nunca perdeu inteiramente a sua influência, como demonstra a difusão alcançada pela doutrina dos diferentes sentidos da escrita, pois esta, embora tolere a preservação do sentido literal ou histórico, rompe o vínculo que o relaciona com a prefiguração real (Ette, 2018).

Por meio desse pequeno diálogo imaginário sobre o significado da interpretação simbólica na cultura medieval podemos refratar as diferenças substanciais entre a proposta de Barthes e a de Auerbach ao tratarmos sobre a representação e os simbolismo do porco em *Amnesia: A Machine for Pigs* e *Porco de Raça*, visto que as acusações levam a uma interpretação baseada na capacidade dos textos de produzirem uma semiose infinita que as instituições não podem regular e que o crítico credível não deve limitar antecipadamente, e o literalismo de interpretação que se ajusta às determinações históricas e que se concentra na singularidade de cada texto com base em fatores estilísticos muito específicos e numa convenção tão antiga como a “representação” da realidade, sendo que

As análises críticas de viés formalista, que se desenvolveram a partir do conceito de “arte pela arte”, já com Flaubert, grosso modo, enfatizando que as formas e estruturas dos textos não devem ser “contaminadas” pela atenção a elementos externos, repõem o problema da representação realista como um modelo textual que funciona de modo particularmente sobredeterminado. Barthes, por exemplo, afirma que as coisas e as linguagens são duas realidades distintas e opostas, não podendo a segunda ser ‘cópia fiel’ da primeira. (Pellegrini, 2007, p. 138)

Porém, nesta pequena troca entre Barthes e Auerbach, deixamos de lado um fator determinante que dificulta a possibilidade de estabelecer relações dialógicas transparentes entre essas abordagens. A filologia e a “velha crítica”, contra a qual Barthes argumenta, pertencem a um contexto diferente: os gestos estagnados de Picard e dos seus colegas são típicos do “decoro” francês e da rígida separação neoclássica de estilos, de alguma forma transportada para a linguagem assexuada da crítica acadêmica. A mimese nunca poderia cair nessa acusação, na medida em que o realismo que interessa a Auerbach só pode aparecer quando, como na Bíblia, em Dante ou em Balzac, a separação de estilos é questionada ou diretamente ignorada.

De tal modo, para Pellegrini, quando tratamos sobre a representação e o realismo, existe um diálogo dominante entre Barthes e Auerbach, de forma que

[...] assumindo um outro ponto de vista: o de que existe uma importância histórica ligada à questão do realismo, que é preciso examinar. Essa

importância repousa, em última instância, no fato de que ele faz da realidade física e social (no sentido materialista do termo) a base sobre a qual se assentam o pensamento, a cultura e a literatura. Aceitar, desse modo, que a literatura esteja voltada apenas para si mesma ou que nada se ‘representa’ além do próprio texto é escamotear a própria ideia de representação, num jogo autorreflexivo em que o objeto representado desaparece. (Pellegrini, 2007, 140)

Da mesma maneira, observa-se, ao analisar *Amnesia: A Machine for Pigs* e *Porco de Raça*, que não podemos ignorar na nossa reavaliação crítica da abordagem auerbachiana que, na verdade, a especificidade da literatura não pode ser postulada senão no interior de uma teoria geral dos signos, uma vez que para ter o direito de defender um imanente na leitura da obra é preciso saber o que são lógica, história e psicanálise. Em suma, para devolver a obra à literatura é precisamente necessário abandoná-la e voltar-se para uma cultura antropológica.

Auerbach, em seus estudos, tem muito cuidado para evitar os deslizamentos típicos da metalinguagem, de modo que, para o autor, apenas uma condição deve ter esse ponto de partida: a de poder aplicá-lo ao objeto histórico de maneira precisa e exata, e não apenas analogicamente. Categorias modernas e abstratas de ordenação não são apropriadas para isso, nem, portanto, o romântico, nem o barroco, nem algo como a ideia de destino, o mito, ou o conceito de tempo. (Auerbach, 2021)

Assim, nota-se quão abstratas são as categorias de análise de, por exemplo, Michel Foucault (1999), pelo menos tal como aparecem em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Também podemos pensar no “rizoma” deleuziano, no “traço” derridiano ao analisar as narrativas de *The Chinese Room* e de Bruno Ribeiro, para tentar afirmar que a filologia é uma “prática”, uma forma de trabalho, e não uma série de teses sobre um objeto, nesse caso o porco. Assim como para Auerbach, ao se analisar essas narrativas o mais importante para nós não é perguntar se a forma de trabalhar pode ser considerada como parte ou não daquilo que diferentes teorias chamam de “teoria da literatura”, mas, sim, ir diretamente ao problema da sua iterabilidade, isto é, da sua possibilidade de funcionar novamente fora do seu contexto original e funcionar como um modelo prático e não apenas histórico.

## CONCLUSÃO

Este estudo mostra como as narrativas contemporâneas apresentam simbolismos diversificados, especialmente quando tratamos sobre a representação

animal e/ou bestializada do próprio ser humano, visto que, a partir dessa representação, se torna possível notar que o indivíduo deixa de ser visto e de agir como tal e passa a ser sujeito de seus traumas e de seus opressores, apelando para seu instinto primitivo.

Devido à complexidade do tema, não foi possível, neste primeiro estudo, contemplar o objetivo em sua totalidade, abordando os simbolismos, especialmente quando se refere à animalização, à bestialização, ao animal humano e ao animal não humano, analisado, aqui, a partir do imaginário do porco. Visto essa complexidade, quando se trata sobre as representações dos principais símbolos das duas narrativas, isto é, do porco como elemento simbólico dentro do imaginário ocidental que as obras preconizam, pretende-se, na sequência da pesquisa, demonstrar, de modo aprofundado, que o porco pode se tornar um símbolo não apenas da sujeira, como sugere Mandus, protagonista em *Amnesia: A Machine for Pigs*, mas dos horrores que nos rodeiam atualmente, advindos de um contexto histórico de violência, escravidão, abuso, entre outros feitos tirânicos do “homem”.

Dessa forma, espera-se, ainda, atingir o objetivo desta pesquisa de analisar o símbolo do porco em *Amnesia: A Machine for Pigs* e em *Porco de Raça*, com o intuito de demonstrar como esse elemento, em ambas as narrativas, está associado à representação da opressão e da violência de personagens marginalizadas, no decorrer de meus estudos no Mestrado e, conseqüentemente, no desenvolvimento da dissertação.

Além disso, sugere-se que mais estudos sejam feitos, com a intenção de discutir esses fatores de opressão às minorias em um contexto geral, uma vez que o ser humano, continuamente, se utiliza da tirania, bestificando outros seres, tanto humanos quanto não-humanos.

## REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Editora Perspectiva S/A, 2021.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de hoje**, v. 42, n. 4, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINTO, Aline Magalhães. Mapeamentos da teoria da literatura na contemporaneidade. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, v. 29, n. 3, p. 9-18, 2019.

RIBEIRO, Bruno. **Porco de Raça**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

SOUZA, Luciéle Bernardi de. **Fábulas metarrealistas**: realidades grotescas na literatura brasileira contemporânea em “O livro das cousas que acontecem”, de Daniel Pellizzari. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8098>

THE CHINESE ROOM. **Amnesia**: A Machine For Pigs [PC software], 2013.

BARTHES, Roland. **Essais critiques**. Paris: Editions du Seuil, 1964.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: modos de usar. **Letras de Hoje**, p. 11-18, 2012.

GINDRI, E. R. **O Papel Da Violência Na Configuração Do Estético Em Rubem Fonseca**. Tese de Doutorado – PPGEL – UNEMAT, 2020.

ETTE, O. Mímesis: perspectivas de la filología de la literatura mundial de Erich Auerbach: hacia una verdadera filología de las literaturas del mundo. IN: **Hispanística y los desafíos de la globalización en el siglo XXI**: posiciones, negociaciones y códigos en las redes transatlánticas. Ediciones de Iberoamericana, 2018.